Local da entrevista: Fraiburgo.
Data: 16.1.1974
Testemunha: Firmino Gonçalves Pontes.
Antigo morador de Campos novos, há mais de trinta anos em Butiá Verde.
Entrevistado por: Thomas Pieters.
Duração da fita: ½ hora (cassete).

Sobre os moradores antigos de Butiá
O mais velho era Antoninho de Deus. Os outros são novos.
Sobre as vias, habitação.
Neste tempo tudo era mato, Faxinal, não houve estradas. A única casa era a minha, era de um tal Leopoldino, tinha também um morador na fazenda. As casas eram feitas de tábuas, também o telhado era de tábuas.
Eu era fazendeiro, tinha bastante gado, e muito terreno, tinha mais ou menos 11 milhões, cheguei aqui e comprei com muita criação.
Origem dos pais.
Os meus pais eram do Paraná: Iapiíva (?). O pai tinha uma fazenda no Rio das Pedras. Quando veio aqui já levei a tropa. Tinha de gado uns 300 ou 400. Fizemos muito queijo, dois ou três por dia de quatro ou cinco kilo.
Sobre o gado
A maior parte do gado morreu, era em volta de 1945, pestearam. Vendi pouco. O mais que se vendeu era para Paraná, Também para Blumenau. Viajava muito com tropa. De Campos Novos a cavaletto, levava muitas vezes cinco a seis meses de viagens, só viajando e vendendo. Nunca cheguei a vender em S. Paulo, já vendi antes, em Curitiba, em Papanduva, Canelão.
Sobre a tropa
Fomos sempre quatro a cinco camaradas, de mula, todo ano fizemos duas vezes a viagem, viajei sempre, vendemos muita mula. Tínhamos cargueiro de bóia, os alimentos, tinha comitiva partada: a tropa e a comitiva, tínhamos dois grupos. Passemos pelos poucas estradas, pelas picadas, tinha bugre. Vi os animai e os cargueiros, que os bugres matavam. Há um lugar perigoso: Serra do Taió, na estrada para Blumenau. Tinha gente para frente á pé, para desfazer os trincheiros dos bugres, sofria muito para cruzar com tropa. Vão dois três camaradas pelo mato para espantar os bugres, foram os bugreiros, que entraram no mato. Eles sabiam onde estavam os bugres, porque eles cuzinhavam e deixaram rastros. Os bugreiros vieram de Santa Cecília, num lugar por nome de Orisco. Quando a gente precisava para fazer uma viagem, tinha de dirigir-se lá para obter os guias, que conheciam o movimento dos bugres. Assim mesmo matavam muita gente. No meu tempo os bugres já estavam recuando, porque a região estava se povoando.

Sobre Butiá Verde + João Maria em rio das pedras

Havia em Butiá Verde uma fonte benta por João Maria, tinha avisado que ninguém deveria lavar a cabeça nesta fonte, uma mulher lavou e secou a fonte. João Maria passou por aí e deixou uma fonte benta perto do Açude das Praias. Conheci João Maria, andava com uma cestinha com mate, caixazinha de alpercata, era um homem baixo, barbudo, conheci ele aqui no rio das pedras. Onde ele pousava, podia estar chovendo, mas ele não se molhou. O meu avô achou ele deitado, aí no Rio das Pedras. O povo se reuniu tudo, ele comeu só couve verde, que levava na cestinha. Quando ele viu a tardezinho a rodeia da gente ele desapareceu, ele não juntou gente, aquele que juntou foi José Maria. Foi no tempo de fanatismo, aquele foi um banditismo, que nós briguemos uns três anos seguidos, ninguém podia fazer nada, era só cuidar da briga. Gente do irmão meu, o cunhado, ficou estivado onde nós brigamos.

João Maria profetiza, que haveria uma revolução medonha e feliz aquele que foi no mato, que não ficou no limpo, porque eles matavam muito pessoal. João Maria não dava remédios, só conselhos. Uma noite na chuva o meu avô achou ele embaixo de uma árvore, tinha um foguinho; João Maria dizia, ‘‘ Onde estou não chove, não precisa oferecer-me um abrigo.”Ele dizia também, quando eu tenho saído, vocês tomam estes toquinhos aqui e guardam”.

Quando se aproximar uma escuridão, acende um toquinho destes. (Conforme costume do povo, quando têm relâmpagos de pôr um pedaço já queimado de lenha e pôr no fogo, pronunciando o nome de João Maria, para proteger a casa contra os raios.)

João Maria dizia: ‘‘As cinzas servem para uma criação doente, Poe uem pouco de cinza e ela já melhora ““.

João Maria dizia ao avô, que voltaria, quando a cruz no cemitério seria erguida. O povo ergueu uma cruz, do jeito, que João Maria quis, mas mesmo assim ele não voltou mais. Ele foi para Taió, mas ele estava num cerco e ninguém dos que rodeavam durante dois dias podiam aproximar-se dele. Ninguém podia ir lá, onde ele estava.

Sobre as condições da vida

A gente não tinha forno, mas fazia um figuinho, comemos muito carne de porco, de gado, tínhamos uma plantação, tinha muita caça, especialmente em Taquara Verde onde passei um tempo. Tinha bugre, tinha tigre, lá que morei uns pares de anos. Depois comprei uma fazenda aqui em Butiá, comprei de Urbano Burger. Eles eram muito ricos e tinham muita terra, eram dois irmãos, alemães, falavam bem o português. Eles eram lageanos.

Sobre Taquaruçu.

No tempo do fanatismo muitos foram para Taquaruçu, os fazendeiros perderam gado. Mataram muita gente, os fanáticos ficaram tão medonhos, que tal tempo eram abertas às portas para entrar no acampamento deles. Mas lá dentro se matava, não podia se tirar fora

filho ou pai, mataram mesmo. Aqui tudo ficou tomado pelos fanáticos, os fazendeiros ficaram sem nada, roubaram tudo. Do rio do Peixe não passavam, só para cá. Eram muitos, era uma cidade. Um acampamento medonho. Eles tinham um capelão, o que aquele mandava eles tinham de fazer. Tinham os seus comandantes, o doze pares, todo branco, eles eram os pares da França, eram doze, eles começaram com espadas de pau, de guamirim sapecado no fogo, logo eles ficaram ricos. Mataram muitos soldados, eles atacaram de surpresa com aqueles facões de guamirim e de arrasto, que uma madeira medonha, eles faziam aqueles bacão sapecaram no fogo, e deram uma talhada, cortaram um soldado por meio. Veio o capitão Rozinha, comandante das forças nas Perdizinhas, nós eram os piquetes deles. Paguemo eles, não deixamos mais eles comprar mantimentos, tinha barbaridade de fanáticos, piquetes de todos os lados e os soldados só no acampamento do capitão. O exercito ajudou para proteger os fazendeiros, os primeiros soldados e policia que veio, os fanáticos mataram. As derrotas dos fanáticos começaram em Santa Maria, foi lá, que nos batemos. Eu tinha piquete, tinha o falecido Onhoco, capitão Fidete, todos tinham o seu piquete. Cada piquete era de cinqüenta a sessenta homens, todos armados o governo auxiliou nos deu armamento, saiu de piquete para lá, para cá, e tínhamos um lugar certo de se juntar. Mas antes de chegar lá brigava-se com os fanáticos. Lá se viu de roxa, tanto morria da gente do governo como dos fanáticos.

Tempo

Há mais de sessenta anos, que moro em Butiá Verde, tem noventa e oito ou cem anos, passei muito tempo aqui. Estou já muito estragado.

Sobre a industria de crina

Comprei a fabrica de crina de um tal de Charack. Carlos Charack veio de caçador, depois foi Domingos Perez de Porto Alegre. Foi ele que arrendou. A crina era vendida para São Paulo, Porto Alegre. Venderam quinze mil reis a arroba. Tinha sempre quinze a vinte camaradas trabalhando na crina, uns para cortar, outros para desfiar, outros trosser, parou muita gente na fabrica.

Aqui se termina a entrevista com sr. Firmino Gonçalves pontes, foi feito uma fotografia, que vai junto com o texto

.

.

Local: Fraiburgo
Data: 17.11. 1973.
Duração: 30 minutos de gravação
Assunto: História de Fraiburgo, acontecimentos.
Testemunha: Margarida, filha de Generoso Ribeiro.
Reporter: Thomas Pieters.

Desde quando a senhora mora aqui em Fraiburgo?
Nasci na Liberata e veio agora para cá, nasci na Liberata.
Tinha muitos moradores na Liberata nos tempos antigos?
Tinha só o meu pai.
Como se chama o seu pai?
Generoso Ribeiro.
Ele veio aqui já no século passado?
Pois é, fomos só nós na Liberata, casaram os filhos, foram feitos casas, aumentando, de repente puxaram para cá, não foi nós, quando nós soubemos já estavam aí, em Fraiburgo. Quando foi criado distrito foi aumentando.
A senhora sabe quem deu o nome à Liberata?
Sei que eram os bugres, sei que uma destas se chamava Liberata, depois ficou com o nome. Porque aqui tudo era perigoso de bugres.
Os índios andavam com flechas na mão?
Eu não vi, eles fizeram visagem nas casas, eles moravam em Itajaí, quantas tropas lá que mandávamos buscar para comer, o meu pai tinha tropa de mula. Na saída do verão ele mandava tropa para baixo carregar sapa pro gado, sal, na entrada do inverno veio mantimento para casa.
Quanto tempo o pai levou para chegar lá?
Quando chovia mais de um mês. Não tinha ponte, não tinha balsa, não tinha nada, ficaram esperando até abaixar.
Que levavam os homens para trocar?
Nada, carregeirinho, eles levavam um dinheirinho, o pai contou-nos. O meu pai era fazendeiro, da Liberata até aqui era cheio de gado, o gado mais gordo era aqui, Campo de duvida se chama aqui.
O pai comprou a terra, ou ela foi doada pelo governo?
Era o tempo em que se achava terra. Agora lá no sertão era um tempo em que saíram campear o lugar da casa. O meu pai morava em Butiá.
Donde veio o seu pai?
Primeiro ele era de palmas, depois ele veio para Butiá, ele que conta. Aqui na liberata, ele invernava o gado no inverno.
Veio caçar antas, no rio tem poço, de lá ele veio caçar anta naquele rio, depois dizem que tinha um limpinho pois inverna os animais, o mais era matão, ele gostou para morar.
O pai criou os animais ou achava os animais?
Ele criou os animais, ele trousse de palmas. O meu pai e o avô, que fizeram a picada daqui até Porto. Naquele tempo não tinha gente, e eles enfeitavam age... ... ça, um picadão para ver onde ia sair. Pois eles ficavam no mato.
Sobre os mantimentos.
Agora algumas vezes acabavam os mantimentos que levavam, agora naquele sertão eles matavam passarinho, levavam sal.
Quantos anos a senhora têm?

Oitenta e pouco. (a filha diz 85)
Era quase no tempo da escravidão?
Pois é, mas eu não conheci, conheci quando já tinha dado baixo.
Quais eram os primeiros moradores e vizinhos de Liberata?
Muito tempo era só nós, depois o meu irmão se casou, fez casa onde sobrinho meu, Afonso Ribeiro. Era só família neste lugar.
Em volta de 1910 tinha um reduto em Taquaruçu, conheceu isso?
Lá eu não fui. Sei que era perto de Liberata.
Tinha muita gente em Taquaruçu?
Dizem que tinha muita gente. Mas eles viviam, porque tinham muita criação, tudo arrumado, tudo tinha dinheiro, tinha negociante lá, negociante forte. Eu fui lá antes do reduto fazer compra, levei cinqüenta mil reis, comprei até uma maquina, fazenda de mil reis o metro, nós não compramos porque era muito caro.
Era uma cidade que fizeram?
Não é, agora quando fizeram um reduto, dizem, que tinha bastante casa mesmo. Tinha os acampamentos, mas eu não fui, ouvi o barulho, quando a força entrou lá.
A força em Taquaruçu.
Eu estava na Liberata, morava na estrada para o Faxinal, no dia em que a força entrou estava na casa do meu pai, escutei o canhão e o mitralhador, que era uma maquina.
Tinha muitos mortos em Taquaruçu?
Pois fugiram, mas morreu uma porção, morreu bastante gente.
Foram para Santa Maria depois?
Tinha um outro reduto.
Eles esperavam a volta de José ou João Maria?
De João Maria, diziam que tinha de voltar. Saíram com uns piquetes fazer banditismo, roubar. O velho comandou do reduto e fiz parte. O meu pai foi para Vacaria, temos parentes em Vacaria, eu fiquei, tanto medo que passava.
Qual era o motivo desta gente? Terra, império, lei, religioso?
Viviam rezando.
Qual era a devoção deles?
São Sebastião. E São Sebastião esta lá nas Perdizes Grandes.
São Sebastião tinha de voltar também com um exército?
Não sei, mas dizem, que São Sebastião quando realizou a guerra fincou a espada na pedra, enquanto a espada estava na pedra haveria guerra. São Sebastião foi guerreiro.
Como a gente vivia a sua vida religiosa neste tempo?
Rezava em casa, para casamentos e batizados a gente ia longe até Curitibanos. De vez em quando veio um padre rezar a missa na nossa casa. Era o Frei Rogério, aquele, que me batizou, quem me crismou, o padre Rogério veio de vez em quando. Minha mãe tinha um retrato dele. Ele deu para ela, mas eu não sei qual é que ficou com ele. Dizem que ficou santo.

São João Maria era um santo também?
De certo não era um santo, ele era um milagroso. Eu não conheci São João Maria, mas meu pai falou com ele, lá no Faxinal, tinha uma casa onde não podiam comer, tinha chuva de pedra, eram tentados. João Maria chegou lá, quando chegou escureceu a vista dele, o bicho estava num canto, João Maria mandou-lo embora e encomendou para eles todos os dias 6 de agosto fazer um rodeado de anjo, dar de comer para os anjos e rezar um terço.
Há fontes bentas por São João Maria?
Curitibanos têm a igrejinha dele.
Que dizem de São João Maria?
Tinha um parente, ante do fanatismo, ia com tropa por Porto buscar mantimentos, estava chovendo muito, antes de porto tinha a serra de São Sebastião... ...Feia com Bugres. Choveu, era noite quando chegou foi para a casa, chergo um fogo. Voltou para casa, pensou que era um boitatá, não viu nada, passou, soltou a tropa. Estava lá (o João Maria), o meu parente disse:‘‘Pensei que era um boitatá, onde o senhor está?”Disse:‘‘estou aqui preciso falar com Urgipe do meu fogo e não me vir, eu me quenteui”. Choveu muito, mas numa roda era bem enchuto. O parente o levou para casa dele e depois ele explicando:‘‘Vai haver o fanatismo, você se escapa”. ‘‘como eu posso saber?” Ele disse:‘‘Quando os homens enfeitam os chapéus com sola branca, fazem barbicacha. ‘‘algumas fitas eram vermelhas, outras eram brancas. Depois que tinham também nos braços. Ele disse: ‘‘Quando enfeitam os chapéus, você se escapa, vai haver fanatismo, eu não estou lá”.
Qual era a gente que estava nos redutos?
Era só caboclo. Tinha pobre e tinha gente boa. Em Taquaruçu era um lugar de bandido.
A senhora ouviu falar de Eusébio, Manuel, a Virgem?
Eu não sei, o Eusébio, que mandava, mas não conheci ele. O fanatismo de Taquaruçu era um tal José Maria, mas aquele não fazia mal a ninguém.
Testemunho sobre José Maria
A aquele andava dando remédio. Eu tinha um filho e uma filha, eu mandei buscar remédio, o filho dava ataque, eu não fui lá, sairou! Tinha uma filha com a vista arruinada, todos disseram que era figo que tinha na vista, ficou correndo todo a vida, eu mandei pedir remédio. Ele mandou ensinar, nem me lembro o que era, ele sairou. Ele não fazia mal a ninguém. O pessoal é que o locearam, que deram parte dele, a força foi atrás dele, ele correu,foi brigar e mataram ele. Não mandava fazendo mal para ninguém, dizia: ‘‘ Eu não chamou ninguém, também não sou “, o pessoal chegava com uma faca para carnear”.
Como era a reza?
A gente rezava como agora, o terço, as ladainhas, eles tinham uma grande devoção para nossa senhora, para rezar era no reduto, era uma coisa para valer mesmo, ninguém pensava que era uma coisa ruim,

todos pensavam que era uma grande coisa boa. Mas no fim acabaram, em Taquaruçu fizeram valas, eram cheios de gente morta. A briga como hoje, como amanhã, meu irmão foi lá, era a maior tristeza, matavam o comerciante, que era tão barato, puzeram fogo na casa, quemaram o negócio dele, com ele dentro, foi tudo, foi tudo. Foi só rezar.
Sobre o reduto Santa Maria.
Depois foi a caçador, Santa Maria. Em boi preto, eu não fui. Não tinha tanta gente, em Santa Maria sim. Fui, porque o meu marido tinha um irmão que estava na minha casa em Liberata, ele foi para lá para não ir, e a mulher dele, enquanto ele estava na minha casa foi para o reduto. Lá ela escreveu chamando o marido, ele foi e chamou o irmão, porque eles se davam muito. Eu disse: Você não va. Você va para tirar nosso gado, que tínhamos em Campos Novos. Ele disse: Vou ver e já volto, mas não voltou mais, não saiu, porque ele que queria sair, eles matavam. Tinha guarda de tudo lado. Depois meu pai foi para Vacaria, fiquei aqui morrendo de medo. Depois gente daqui foi para lá, e fui junto, para morrer junto, fui para Santa Maria. Morri aqui de medo, cada piquete, gente daqui, não era do governo, eram bandidos, ficavam passando. Tinha bastante gente em Santa Maria, tudo tinha de casinha, o que não podia ser de tábua era de taquara, era bem boa.
(Mostrei uma foto de Theodora, a virgem, perguntei se tivesse visto a virgem). Neste tempo, que fui lá, não tinha mais virgem, eu fui quando estava no fim. Quando a força entrou lá, nos corremos, eu só com os meus filhos e a roupa do corpo, éramos pelados, cheguemos e em casa não tinha nada do que deixemos. Nós tínhamos porco e bastante gado. No reduto plantavam também plantavam.

Aqui termina-se a fita, Margarida conta como ela viu o terror de Deodato e conta que ela assistiu o assassinato da mulher dele. Ele dando tiros nas pernas dela. Conta que muita gente desapareceu do reduto, e ninguém sabia para onde ficou.

.
.

Local: Fraiburgo.
Data: 15.11.1973.
Duração: 30 minutos de gravação.
Assunto: História, modos de viver.
Testemunhas: Aristilianos Dias e mãe, filha de Generoso Ribeiro (42 e 8?)
Reporter: Thomas Pieters.
Obs. A mãe estava bastante doente, quem fala para ela é o filho.

Qual é o nome da família?
O marido da minha mãe era Helidoro Dias de Andrade.

Ele veio de que lugar?
Ele é deste estado, do município de Curitibanos, que neste tempo era muito grande estendendo-se por caçador, Videira, ele morava no distrito de Liberata, o quinto distrito de Curitibanos.
A vivência neste tempo.
Depois ele ficou aí, tinha os filhos, criava gado, tinha fazenda, porcos, bastante terra.
Quais eram os moradores?
Os irmãos, o dono da fazenda, de quem compraram a maioria destas terras,... ... O falecido Urbano Burger,a fazenda dele é hoje do Rainer Frai, a firma. Moradores eram especialmente os irmãos da mãe: Jango Ribeiro de Andrade, o nome dele era João Batista de Andrade, ele era bem mais velho do que a mãe. Ele era proprietário tinha muita terra.
Como era a paisagem?
Era só mato, pinhal, pinheiros. Tinha em Liberata só a casinha da tia (Margarida). Tinha bugre, tinha leão, tinha onça.
Qual o trabalho da gente?
Começou com lavouras, especialmente tinha criação de porco e de gado.todos tinham uma grande parte de terra, tornou-se fácil de criar.
Como obtiveram os mantimentos?
Iam com cargueiros. Foram para Blumenau, enfrentando picadas, os bugres. Tocavam tropas, traziam sal, açúcar, até cachaça. Levavam quase trinta dias. Tinha bugres na serra de Espigão, da pirambeira caíram algumas vezes as mulas, que depois nem se encontravam mais.
Os bugres.
Os bugres enfrentavam os tropeiros, brigavam, matavam as mulas do cargueiro, tiravam nada, sinão as argolas de metal do arreiamento dos animais,
Mesmo da cangaia, as argolas, que puxavam na barriga dos animais, isso era a única coisa, que tiravam. Nas mercadorias não tocavam mão. (mostra uma das argolas de bronze). O que o falecido pai contava era isso que levavam.
Os bugreiros
Um chefe deles, que entendiu a arte deles, ele não vivia junto com eles. Ele avisou onde estavam e indicou a direção para tomar. Não eram bugres, mas homens conhecidos deles, como se fosse bugre, não posso dar uma definição certa para o senhor. Bugre já mais civilizado, ele sabia por exemplo: Eles estarão lá em 10 de novembro, nem precisava ir lá, não sei por que intermédio ele sabia, ele indicou o caminho para evitar eles. Enquanto batiam tropas, que matavam os animais, os tropeiros, então o bugreiro esse ia com mais dois ou três, quatro companheiros.
Pergunta a mãe como era o tempo dos jagunços.
Os jagunços formou-se, foi José Maria. Ele apareceu reunindo gente formando um reduto, tinha bastante gente, disse um disse outro. Depois vê a força que bateu nos jagunços, eram em Taquaruçu. Nós ficamos na

estrada de Taquaruçu. O chefe da força nos disse: ‘‘saiem da casa, vamos campa na frente da casa de vocês com mitralhadores. Nós saímos da casa deixamos tudo o que tinha, corremos, eles foram bater na casada gente em taquaruçu e correram também; vieram se acampanhar na nossa casa, terminaram com o que tinha, a força. Vi soldados que escurecia, um sargento morreu dentro da minha casa, veio muito ruim, morreu. Tinha canhão e tinha tudo. Não se sabe o numero dos mortos, mas morreram muitos, morreu de criança para cima. Se escapou aqueles que entravam num buraco. Correram para o mato, daí os jagunços saíram de Taquaruçu.

Os jagunços esperavam a volta de João Maria?

Não me lembro em que lugar estavam esperando a volta, não de João, mas de José Maria, aquele que tomou lugar de João Maria.

Origem em Irani.

Estavam em Irani, o meu cunhado foi junto e voltou com queixo quebrado, muita gente conhecida foi para lá, o cunhado foi indo e morreu. Não tinha médico.

Crenças dos fanáticos.

Tinham esperança que José Maria tinha de voltar. Tinham uma que representava, uma virgem, uma moça, a tia (margarida) vai contar melhor para o senhor, ela teve lá. Eles olhavam pelas frestas da arvore para o céu e gritaram: “Lá a bandeira de João Maria!” eram as frestas das árvores, viam a bandeira de José Maria, mas que deus nos perdoe por caridade.

Quais eram as razões do povo reunir-se?

Isso, nós não sabemos.

Havia industria de madeira em Fraiburgo?

Mais tarde vieram pessoas de fora, do Rio Grande, depois, italianos, que vieram de lá e colocaram uma serrariazinha.

Os habitantes originais eram só brasileiros?

Sim, depois vieram os italianos, até agora tem uma serraria deles: os irmãos Menegatti, eles compraram do falecido tio, de dois, três tios eles compraram os pinhais, do pai, Teodoro de Andrade, um antigo morador do lugar.

Como se faz o transporte da madeira?

Já tinha caminhãozinhos, pequenas estradas feitas, tratores não existiam, puxaram com carretão de boi. Talvez, se tivesse trator a gente pensava que era um bicho. O povo era assim, não sabia de nada.

O primeiro avião.

O povo que escutou o ronco do primeiro avião ficou bôbo: que será isso, meu Deus, será que se acaba o mundo? O povo correu para o mato. Abandonaram as casas, acreditavam que o fim do mundo estava bem perto. Mas a gente se acaba, o mundo fica.

Sobre os tropeiros

De costume levavam 15 ou 20 animais. Alguns animais andavam soltos, quando um se cansava outro tomou o lugar com a carga. Toda a vida

daquela época não era mole. Era de enfrentar os bugres na serra, tinha só as estradinhas para burro.
Quais eram os bugres?
Não sei, qual tribu, mas sei, que eles eram selvagens.
Sobre a tia margarida.
Ela sabe contar melhor como foi nestes tempos, o marido dela foi jagunço forçado, morreram duas crianças dela no reduto de Santa Maria, onde estava.
Sobre os curandeiros.
Os curandeiros tinham conhecimento de ervas, também o meu pai, salvavam muita gente. Em Campos Novos por exemplo tinha um tal de Manuel Pedro, ele dava muito bem remédio. Tinha um homem antiguíssimo no lugar: Porfírio José de Oliveira, eles tinham o livro de um doutor, e segundo isso davam remédio. O meu pai e Porfírio de Oliveira, ele também usava o autor, eles tinham prática, pegavam pela prática.
Sobre os 21 cruzes na estrada Faxinal - Taquaruçu.
Têm um capitelzinho de São Cristóvão, saindo da estrada geral, lá foi matado um delegado, um outro mais ou menos mil metros dali para a estrada de Taquaruçu. Isso não faz tantos anos, que mataram até os delegados, mas a morte de Generoso, isso faz um 50, 60 anos.

Aqui se termina o depoimento de Aristiliano Dias de Andrade e a mãe dele: Amélia Ribeiro de Andrade.

.
.
_
Local: Fraiburgo – Taquaruçu.
Data: 15.11.1973.
Duração da gravação: 60 minutos.
Assunto: História dos Fanáticos
Testemunha: Benedito, vulgo “chato”.
Repórter: Thomas Pieters

Lembranças da guerra do Paraguai.
(Os voluntários foram organizados pelo capitão dos portos de Santa Catarina. Enéas de Barros Torrão, a 8 de janeiro de 1865).
Na introdução Benedito conta como de dois filhos um tinha de servir no exercito para a guerra do Paraguai. O tio, irmão do pai foi voluntário. O tio preparou o cavalo e a mãe perguntou: “meu filho, para onde vai?” “Minha mãe e meu pai, não chorem, mas vou para o Paraguai”, outros saíram lá, ele disse adeus para os irmãos e se despediu do pai. Uma

tangela, uma dona, moça dizia: “não vai, que você vai sofrer”. Ele dizia: “Fui soldado, sentei praça. Minha bandeira jurei, não é de ser desertor, na campanha morrerei”. Ele disse: “Vou servira minha pátria, mesmo que hei de morrer. Se for feliz na vida, volto para te ver. No passo de tujitia (?) onde nos estava campado, já as onze hora de dia, de fogo fomos rodeado”. Isso foi cantando: “as onze hora de marcha trovejada espada e a própria terra tremia”.

Sobre taquaruçu.

Aqui nasci, me criei na guerra do Gumercindo com pinheiro machado, eu tinha para sete ou oito anos. Queimou tudo, queimou tudo, queimou minha casa. Perdi um filho, que queimou com quatro anos dentro da casa.

Quem queimou a sua casa?

De certo era muito estimado daquela gente, mas não tem mais nenhum, eles se acabaram.

Idade, Vida.

Na minha conta estou com cento e poucos anos e ainda namoro. Depois me criei aqui. (segundo testemunha, o sr. Lorenzi, não deve ter mais de 90 anos)

O senhor conheceu Frei Rogério?

Foi ele que me batizou.

Sobre José Maria.

Entrou um homem de bom, o que ele disse nós estamos vendo. Não é de ser fanático, dizemos entre nós, jagunçada, não é por isso, mas os conselhos que ele deu para nós, estamos vendo. Ele andou aqui, era um tal Zé Maria. Ele curou gente, só com erva do mato. Ele veio de correntes, de Curitibanos, tantas águas tinham de João Maria, ele queria ir lá visitar ele era José Maria, ele não deu o nome de João Maria, dizia ele que era irmão. O prefeito de curitibanos não deixava ele, atacou, o nome do prefeito era Francisco Ferreira de Albuquerque. Ele voltou aqui, perto, vou mostrar o lugar Artur Cruz, então Gramado, para ir se embora. Vinte quatro homens acompanharam ele. Este homem no quadro, o meu pai, (mostra Quadro), um cunhado meu o mais e mais um tio meu acompanharam ele. Os pares do França. Tocaram, ele disse no dia em que saiu: (juro perante deus e meus amigos, que falo verdade) “Meus irmãos meus cavaleiros. Eu vou me embora, vou sozinho, mas vocês se cuidem, não havia neste tempo injeção, penicilina, vão tomar remédio com agulha, daí a injeção, não é, atrás de mim vem doutor, é barbaridade, é doutor que não conhece doença, vou me embora, vocês não se iludam. Atrás de min vem outros, se valendo o meu nome, de João Maria de São Sebastião. Onde está o Bom Jesus é aqui, a matriz, isto aqui vai virar uma cidade, ele mostrou as alturas. Vem um aqui, eles correm tudo, vão se embora, mas eu veio por lá , dali aquela chochia tudo será quebrado, tudo moído. Disse: não se iludam.

Sobre as espadas.

Disse: este amigo, eu queria este objeto dele, era uma espada, era a minha espada, com bainha e tudo branca, cinturão, com o numero da coroa do império
A coroa da república, ele não aceitou na cintura dele, nem na cintura dos companheiros dele. Tinha um três galho(?), um facão e tocou, foi embora. Minha mulher estava grávida, era três anos que era casado, para ganhar a primeira família. Disse ele para mim: "não escute bobagem, escute o que é bom, o que entra por aqui, o que é bom fica, entre por aqui", sai para ca, "você tem obrigação". Acompanhei ele até em cima, lá no patrolado. (indica o lugar)
Quando saíram daqui, o prefeito telegrafou de Curitiba, veio um general: João Gualberto com um grupo de oitenta e cinco homens.
Sobre Irani.
Seguiram. Disse alguém: "esta gente não faz mal a ninguém." Debande. "Mas o senhor vai ser batido, mas nós se debandemo" disse José Maria para a autoridade que veio aí. A tarde ele disse: "meus cavalheiros, vamos dar um passeiozinho," conheço todo lugar para lá. Disse ele: "vamos passear, " parou e disse: "vamos parar um pouco aqui, desaparecer as magoas. Meus cavalheiros, meus irmãos, vocês afirmem meu coração, os bichos vem. Eu não queria". Tinha na cabeça um boné de couro de gato, calçado de alpercata, era como uma calça de ceroula atada por baixo. Ele Disse: "os bichos vem, nós devemos dar um corte, minha madrinha Catarina, não quero a corte, minha madrinha Catarina, só que não tenho medo, seja como Deus quiser." Cortou. Quando foi a tarde, ele olhou José Fabrício, não, José Fabrício. Disse: "compadre José, você pega cinco homens e com o senhor seis, o senhor vai ficar em tal lugar. Choveu. Quando eles vem, você dá um sinal para nós". Voltaram, chegou a noite, caminhou, disse: "meus cavaleiros, amanhã quero nossa cavalhada tudo arrumada." Preparavam-se. Naquela hora veio donde estava a sentinela: tarom, tarom. Saíram da cama, ele disse: "meus cavaleiros, meus irmãos, vocês não passam adiante de mim, eu quero ir para frente". Foram-se, cortaram uma sanga, um lugar difícil; eles acamparam na casa de um tal Bendito Fabrício, uma cerca de quatro ranchões. Tinha uma cerca, tinha três mitralhadoras, aquele que pulou primeiro a cerca chamava-se João da Cruz, aquele que morreu primeiro. Ele gritou que não passássemos adiante dele. Pegaram, só facão, a tropa de João Maria e a foca. Derrubaram a cerca a bala, e os homens de José Mariachegarão a facão. Derão uma cortada num baiano (mostra no ombro) e ficou garrado na argola de baixo. Pegaram o que se pegasse. José Maria se encontrou com o general, caíram, Gualberto de um lado e José Maria com a espada na mão doutro lado. É isso, o que te conto, fui lá depois da revolição de trinta e dois, todos os meus parentes moram lá, me contaram assim. Ninguém podia tirar a espada da mão de José Maria, estava morto, dizem, que estava morto, ninguém conseguiu tirar a espada da mão dele. Sepultaram toda a gente de José Maria no Irani. Fizeram a sepultura para José Maria, já veio a filhada

dele, as moças, não botaram terra em cima dele, cobriram com umas tábuas. Daí três dias, ele chegou na casa das comadres e compadres e dizia: “olhe meus filhos, olhe minha filha, olhe”. A gente de lá me contaram, a gente de lá me contou. Disse: “Adeus” e foi embora.

Época de Eusébio Ferreira dos Santos (1.12.1913)

Aqui entrou depois o fanatismo de Eusébio. Agora estamos em Taquaruçu. Apareceu um tal Eusébio com a família dele. Nós tínhamos já comunicado o prefeito, que precisava tomar conta. Aquele barulho: viva a monarquia viva São Pedro, são Roberto e por ali tudo. Nós fomos, o falecido papai e o falecido Praxedes, que tinha um negócio. Fomos lá, fomos ver o prefeito, avisar que precisava-se tomar providencias, que daria prejuízo para o lugar. O prefeito disse: “Não, quero ver o que é aquilo, o que eles querem.” Olhou para mim e disse: “Vamos”. Eu disse, “mas coronel, para nós que moramos aqui, é feio aquilo lá, o senhor não quer chamar a força? Que vem força boa, aí, o senhor requisita o armamento, e nós acabemos com aquele, não, não.”

Intervenção do Frei Rogério Neuhaus,(9.12.1913)

O padre Rogério veio aqui. Estive aqui o meu pai e o finado Praxedes, eu fui buscar um cargueiro de cachaça para o meu tio em baixo. Eu viajava muito para a colônia. Chegava em casa da mãe. Na casa do falecido Praxede pedi uma caixa de balas, eram os meus parentes e amigos, eles tinham serraria. Fui para baixo, encontrei o pai, o pai empurrou o burro e o cavalo com facão e winchester na mão. Fui na garupa, tinha chovido, o pai me gritou de não atirar. Vinham aquelas mulheres pularam no padre, o pai não deixou aproximar-se os homens. Gritaram: “cabeça pelada, frade, o que?” Pus a mão no vigário e dizia: “vai te para tua terra,” fizemos montar o padre, esperei ele, levantei ele e coloquei-o no cavalo. Tiremo-lo fora. Quando foi à tarde tiremo quarenta e cinco homens com nós, foi bem a noite, quando vieram mais trinta e cinco. Eu fui fazer a guarda, munição tínhamos bastante. Papai disse: “Você leva pouca gente,” levei uns doze comigo. Carneou nos um boi. Levei o padre num cargueiro para um campo.

Quais eram as intenções da gente de Eusébio?

Eles queriam a monarquia. A pergunta se a questão era “as terras”, da se a resposta: “não, senhor, José Maria não declarou nada disso, esta gente de Eusébio queriam a monarquia, o interesse deles era a monarquia”. Quem foi coroado imperador não foi o Manuel ou o Eusébio, mas um caboclo, criador de porcos: Joaquim Deodato, matava companheiro, matava criança, matava mulher. Esperava a volta de José Maria. Rezavam bastante, mas não sabiam para quem.

Sobre o pai de Benedito, encontro com a força, marcha para Curitibanos.

O seu pai, um dia não foi preso e levado ao Rio de Janeiro?

Na época quando eu era casado. Um dia ali para as duas horas da tarde, veio um piquetão de lá de Rio de Caçador de cá, eram duzentos e vinte homens para bater em Curitibanos. Nós se encontremos, neste

lageado aqui. Avançaram de nós, tinha um rapaz, que mora aqui, filha de João Inácio Pereira, está velhinho, filho de Paulino Pereira. O pai, ele tinha carregado lenha, estava para voltar, eu cheguei. Capitão daquela força se chamava Augusto Sairava, um castilhano, um alemão. Chegou, ele gritou: “fiquem os cargueiros carregados, e vocês viram por traz!” Respondi: “assim, nesta forma, camaradas, não, vocês são mais fortes, bastante, mas eu não por tantos de vocês, que vive minha razão. Vamos, eu com o pai”. Chegou um tal Paulino Pereira e disse: “Vou morrer com este cismo, estes homens vão levar e descarregar os seus cargueiros, estes homens, capitão vão junto com nós, mudamos de lugar. Tenho sessenta mas tenha medida de homem”. Certo, morreria, mas minha winchester teria acabado também uma porção, disse: “Eu e meu pai chega, temos gente também”. Fomos para casa, juntemos vinte quatro homens, com o meu cavalo branco e os acompanhados dos outros no dia seguinte fomos ver o capitão. Paulino Pereira chamou o Capitão e disse: “tenho dito, os homens vieram, você agora arruma um churrasco para os camaradas”, tinha um alemão Garibaldi, que uma parte seguiu no passo do Rio e os outros vieram para o churrasco, era para ir para Curitibanos. Fomos. Na passagem do rio tinha quatro homens. Fiquemos na cochilha de cima. Quando foi de tarde entrou Chico Ruivo, Virgílio Pereira com sessenta homens. Tinham fanáticos aqui para judiar o povo. Quando cheguemos em cima: parom, parom, voltaram pelo rio, correu tudo para traz. Tínhamos só winchester; tinha um só, que tinha um fuzil, um mosquetão. Ele apontou a atirou em um que tinha só um facão e e pegou na metade do facão. Fomos para curitibanos, todos tinham fugido, achamos só um negro bem preto. Disse que quemaram, eu não vi nada...
Fomos para lá de Canoinhas, Vaca Branca, Campo do Sossego, vieram por Tamanduá, ficam ali. Mas não vieram de Caragoata para cá. Naquele dia a força bateu, em Frei Rogério era bala para cá e para lá. Mas vieram os fanáticos pelo mato, com facão, pegarão mitralhadoras, mataram baianos, mataram gente.

Segue história escabrosa do tal Augusto Tigre, que tirou a calça de um baiano morto e a passagem da Maria Rosa e a tropa espantada.
Aqui se termina a entrevista com Benedito, foram feitas algumas fotografias do velho com retrato do pai dele.

Local: Liberata, município de Fraiburgo.
Data: 15.12.1973.
Duração da gravação: 60 minutos.
Testemunha: Afonso Ribeiro.
Repórter: Thomas Pieters

Desde quando o senhor mora aqui?
Eu nasci aqui no ano 1903. os meus pais já moravam aqui, minha mãe veio do Rio grande, mas o meu pai nasceu aqui.
O seu pai tinha muita terra?
Quem tinha muita terra era o meu avô, depois o pai recebeu uma parte do avô. O nome do pai era Generoso Ribeiro, também o avô chamava-se Generoso Ribeiro.
O senhor tem lembranças do que contou o pai sobre a vida aqui?
Tinha índios mansos, não sei o nome da tribu. Eles pareciam pelos matos, mas a gente não viu.
Qual era a profissão do avô e do pai?
O avô e o pai eram fazendeiros. Toda a Liberata era do meu avô, era um terreno, que era posse. Depois o pai e o genro compraram o terreno e deram para Artur Formigueiro tirar o titulo, saiu pela metade, tiraram o titulo pela metade da Liberata. Até X de novembro. A primeira comarca era, me parece, em Lages, depois ficou Curitibanos.
Quais eram os outros moradores?
A vizinhança era pouco, morando longe um do outro. Tinha Donato de Melo César, Bento Dias de Morais, Na fazenda tinha Zacarias de Paulas (ou Palmas), certo: de Paulas.
Quais as lembranças do Rio Grande que a gente contou?
O pai contou da guerra do Paraguai, o avô da parte de mãe ele brigou nesta guerra também.
Quais as lembranças do tempo de João e José Maria?
Primeiro começou aqui com José Maria. Andou iludindo o povo por ali e depois eles tinham um combate em Irani, e José Maria morreu lá. Um tio meu veio muito machucado de lá. Ele morreu aqui, Clementino Gonzages.
Sobre Eusébio Ferreira.
Começou com Eusébio no dia 13 de dezembro de 1913. foi iludindo o povo, que o monge que morreu tinha de voltar. Quando a força bateu neles, agente escutou aqui os tiros de Taquaruçu,que era perto. A gente escutou os borros dos soldados. A primeira força foi batida. A segunda força estraviou com os jagunços. Depois eles foram para Caraguatá. A força bateu neles, mas não queria matar eles, eles foram tomando o armamento da foraça, e logo fizeram um reduto forte. Santa Maria foi o reduto com Deodato, que começou para matar os próprios companheiros.
Quais eram as razoes dos fanáticos?
Era a santidade, dizendo que queriam terminar com a republica para entrar na monarquia. No mato levantaram a bandeira e disseram, que era João Maria que apareceu. Em Santa Maria era especialmente a devoção de São Sebastião. No reduto eu nunca fui, uma força deles passou certa ocasião, era um piquete de duzentos homens. Carnearam duas vacas ali, assaram, e tiraram o couro daquelas vacas e spixaram

por cima do vassoural. De toda esta gente não ficou ninguém, foram-se para Santa Maria,saíram de piquetes para rebanjar, juntar gado, ficaram muito ruim.
Sobre os mantimentos.
As tropas de cargueiros foram buscar em Blumenau. Não dei quantas mulas foram para lá? Não sei, neste tempo, eu era muito pequeno.
Sobre a saúde.
A gente se tratou pelos curandeiros, o único médico era em Curitibanos. Era o Leme. A gente se curou com chazinho. A gente dava remédio pela Homeopatia, o meu avô também dava remédio, tinha o falecido Porfírio Também, Antonio de deus em Butiá Verde, ele dava remédio de Homeopatia.
Sobre as cruzes de João Maria.
Tinha uma cruz deixada por João Maria na barra, na estrada de Videira, do lado de Bom Regis.
Sobre as terras.
O Senhor ficou com muita terra. Não fiquei. A terra foi doada? Não foi doada.

Foram feitas algumas fotografias da família e termina-se a entrevista.

Local: Bahia, municipio de Fraiburgo.
Data: 16.12.1973.
Duração da gravação: 25 minutos.
Testemunhas: Joaquim Pereira Neto e Olidia Pereira Neto – ele 64 anos.
Reporter: Thomas Pieters.

Origem da pessoa.
Eu, Joaquim, vim de São Joaqium, não fui morador nascido aqui. Veio eu só, sou morador há quarenta anos.
Motivo da chegada.
Vim aqui porque meu pai ficou viúvo, e eu achei, que não ia me quadrar com a madrasta e para não desagradar o meu pai, pedi licença para min dar uma volta ao mundo. Daí me ataquei, sempre andando, e me coloquei aqui com os Morais.
A paisagem do Lugar.
Veio procurar mato limpo, nem carreiro não tinha, mato fechado coberto com pinhal e estrada não existiu. O lugar para procurar mantimentos era Caçador, e tinha só estação e um comerciante. Em Rio das antas tinha só dois negociantes. Tínhamos de fazer ao menos quatro horas à cavalo para chegar lá por falta de estrada, nem carroça entrava, só com cesta.
Os vizinhos.

O vizinho mais perto tinha um Kilometro, era o falecido Tavicos Moreira e o pai dele Joaquim Macai, só nós três.

Origem do nome Bahia.

Foi um homem que morava aqui que se chamava João Baiano, por isso o terreno ficou com o nome de Bahia, era no tempo em que o terreno não tinha dono, então era terreno do governo, João Baiano foi posseiro do lugar, ele não era dono.

Compra do terreno

Quando entrei era do agregado dos posseiros. Comprei dois alqueires de terra por 700.000 reis. O dono da posse aqui era augusto pereira. Esta posse era de cuma construção dos formigueiris, eles fizeram a medição pelo direito da posse para legalizar a terra. Eles venderam, barbaridade, agora deve ser muito pouco.

Os emigrantes

A gente chegou com a estrada de ferro, entravam, depois saíram. O pessoal que empreitava a terra. Trabalhavam na estrada de ferro, depois fugiram, aquele pessoal não tinha recurso, não fizeram pagamento, os operários tinham de sair, depois de dois, três meses, bateram pé e iam embora.

Perda de terreno pela estrada de ferro.

Aqui a gente não perdeu terra, os 25 Kilometros ao lado da estrada de ferro era deles, fosse de quem for, mas aqui a gente não perdeu.

Índios desaparecidos.

Dos índios ficou com lembrança buracos grandes, no meu tempo já não tinha mais índios aqui.

Autoridade civil.

Nunca vi aqui um prefeito, deputado, vereador, não veio ninguém aqui.

Saúde.

Quando alguém estava doente, o recurso era Videira, onde morava o doutor.

Nutrição.

Aqui a gente comeu mandioca, milho, carne de porco, a comida da gente do mato era isso. Tinha a caça: Veado, paca, tapeto. A vida era favorável.

Banditismo.

Mataram muita gente na estrada, de espera, isso foi hà mais ou menos 22 anos atrás. mataram Jorge Quati, Manuel Medeira foi baleado, o polaco José Bedera, João Domingos, o Bona irmão de Natalinio, Meirele. Quem matava era gente de fora, ninguém sabia quem era.

Razão do banditismo.

Não era por causa de terras, era por danos na roça, chamavam gente de fora de maneira, que ninguém sabia quem matou, eram os capangas.

Sobre o movimento do contestado.

Neste tempo eu, não estava aqui, mas os vizinhos contavam, foram jagunços, ficaram lá uns pares de meses, para não morrer de fome fugiram. Passavam fome, um tomou a cinta do outro e comia para não

morrer de fome. Quando jogavam a cinta no fogo, e quando ele se enrolava pulavam dois, três, tomavam um pedaço, um do outro, para não morrer de fome. Comeram broto de Taquaruçu, broto de taquara, pinhão, broto de pinheiro. Saíram pelados, descalços e quem não agüentava morreu, assim nos contava os jagunços: era o compadre Leonço, que morava aqui, era jagunço velho.

Sobre a aparição de João Maria em são Joaquim.

O pai contou que viu e falou com João Maria, que dizia, que quando os Homens usavam fitas no chapéu, seria o fanatismo. Quando os trilhos chegavam perto uma linha da outra seria o fim do mundo, os trilhões não se encontrariam mais. Haveria muitos chapéus, poucas cabeças. João Maria dizia, que ninguém deveria deixar-se iludir neste tempo. Ele morreria, não voltaria, mas a pessoa que tivesse fé nele, que quisesse falar com ele procurasse o morro do Taió, ficou no meio do mato, ele ficou atendido pelos índios. Em São Joaquim João Maria deixou uma cruz plantada.

Termina-se aqui a entrevista.
OB. Monte Taió: Cid. 3.249 hab. Mun.18.760. Est. De S. Cat. Zona da bacia do Itajaí.
OB. Sobre a atuação de um certo Venuto Bahiano em Taquaruçu cfr. Mauricio Vinhas de Queiroz, “messianismo e conflito social”, a guerra sertaneja do Contestado 1912/1916, ed. Civilização Brasileira s.ª, Rua 7 de Setembro 97, Rio, 1966, pág. 148.

.

.

Local: Capela X de novembro, município de Fraiburgo.
Data: 17.11.1973.
Duração da gravação: 60 minutos.
Testemunha: o Sr. Scholl, Nelson – Homeopata, conselheiro.
Repórter: Thomas Pieters

Tempo e paisagem.

Sou morador aqui há 39 anos. No passado tudo isso era campo para caça.

Sobre os fanáticos.

Estou bem ao par sobre os jagunços, porque a gente veio falar comigo.

Qual a razão da revolta dos camponeses? O papel do Frei Rogério

A causa foi só política não foi religiosa. Tínhamos o Frei Rogério, conheço o senhor que estava junto com o Frei e que agora esta na Argentina. O Frei Rogério foi uma pessoa muito inteligente, ele tinha dois capangas junto. O Frei falou com eles, o Frei dizia: “Os senhores estão mal informados,” mas não quiseram escutar quiseram matar o Frei. O capanga dele, a pessoa, que agora esta na Argentina, vivo ainda,

ela sabe contar a historia. Os revoltados levaram as armas contra o Frei que dizia, que era engano; depois ele retirou-se. Ele dizia ao capanga: “o senhor salvou a minha vida”.ele predizia também: “o scholl nunca vai morrer a bala”, quis dizer, que nunca vão me matar. O capanga do Frei morava perto de Curitibanos, um dia vieram doze policiais, ele se escapou e matou três. Tinha a predição que o Frei nunca ia morrer baleado, o seu capanga falou isso comigo. Curei a filha dele, ele veio falar comigo a historia. Ele tem agora uns 90 e poucos anos.

O que os jagunços disseram?

Muitos jagunços feridos vieram comigo no meu consultório e me contaram, que os próprios jagunços mataram muitas pessoas, por lá de Liberata mataram duas famílias, sobraram três meninas, que foram no mato buscar pinhão para comer. Três famílias até foram matadas. Me contaram que o chefe dos jagunços matou muitas pessoas, o dia que ele não matou uma dúzia está certo. Não houve homem, que tinha coragem de matar ele, era Deodato, ele tinha doze capangas com facão. Eu sei de Joaquim Moreira, e um jagunço me contou, que ele mandou matar uma criança com a espada. De cada jagunço que matou cortou a orelha, fez um colar para o cavalo. Falei com muitos Jagunços, me contaram como ocorreu, como foi. Foi uma coisa espantosa, eles morreram de fome, não tinham mais de que comer. Assim se terminavam os jagunços.

Sobre Eusébio Ferreira.

O Eusébio era um homem sério, eu não sei,mas me parece que ele mandava nos jagunços. Eu se criou nestes matos. Ele foi morto em Florianópolis, era um fazendeiro. O homem apareceu como um santo, assim me contaram, ele dizia: “olhe lá esta Nossa Senhora, esta Jesus, companheiros, são os últimos dias” e não sei lá, a gente ficou louco. Entregaram o gado, foram junto, ele era um santo. Aproveitaram da religião para levar gente a luta, os meios eram religiosos não a causa.

Sobre um livro em alemão.

Quando estive em Argentina li um livro, era em 1932, a história completa, como ocorreu, sobre os jagunços. (provavelmente é a história dos fanáticos publicada na publicação semanal da colônia alemã em São Paulo 1955-56)

Sobre os Muckers do Rio Grande do sul.

Também sobre este apareceu um livro na Argentina, escrito em alemão. (190... Edição do pe. Schupp S.J.). Há muita afinidade entre os dois movimentos, aqui e no Rio Grande do Sul. A minha mãe que me contou que isso era uma coisa horrível, que ocorreu, a minha mãe morreu com 95 anos. (o movimento de Maurer e Jacobina começou em 1872 e terminou no município de São Leopoldo RGS.)

Sobre a esposa do Sr. Scholl.

Moro aqui 39 anos, a minha esposa veio da Alemanha, ele se formou em Curitiba na faculdade de medicina. Aqui era a estrada, mas cansei de ver gente passear aqui.

Oposição aos imigrantes.
Disseram: “Ah, estes alemães que invadam a nossa terra.” Tinha uma arma de três canos, fiquei esperando e certo dia eram três, gritaram de novo, dei um tiro. Um deles mais tarde me mostrou o chapéu, que nesta ocasião tinha furado a bala. Portanto era longe de uns duzentos metros.
Mentalidade religiosa do povo. Movimento messiânico em 1954.
Os fanáticos fugirão, mas o foco ficou aqui em Liberata, conheço o povo,mas fica sempre a mesma história, aqui haverá sempre o jaguncismo. Começou de novo uns 24 anos atrás. Na Bahia (localidade do município) tinha umas cem pessoas reunidas para um assalto, “agora os ricos vão ficar pobres, e os pobres vão ficar ricos.” Eram os fazendeiros, quase todos morreram de cançar. Fui avisado, fui na casa do prefeito, dentro de três dias minha casa seria assaltada. O prefeito era Salico Almeida, fomos a Curitibanos na Delegacia, questão de duas horas tínhamos ligação com Porto Alegre e veio uma imediatamente uma intimidação para todos. Eram os graúdos, era questão de um pinhal, tinha matado uma família. (Conforme artigo de Maria Isaura Pereira de Queiroz: La guerre Sainte au Brésil, lê mouvement messianique du Contestado “ Fac. De Fil. Da Univ. de S.Paulo, 1957” o movimento messiânico de Contestado e o folclore. Anais da II Reunião Brasileira de antropologia, Bahia, 1957).
Historia de ameaças.
Quando foram processados legitimamente três quatro homens vieram me ver e disseram: “Sr. Nelson, o senhor sabe o que fez para nós? Está na hora, qual o senhor quer que seja morto? O médico de Curitibanos ou o senhor aqui?” me acusaram ter deixado a filha morrer, mandei tomar café e foram-se mesmo.
Respeito do povo para a mádica.
A minha mulher viajou longo, três, quatro horas da noite. Verdade é que levou um revolver com ela, mas nunca, nenhum brasileira faltou de respeito, sempre foi respeitada. Só uma vez um italiano tentou. Ala dizia: “Vamos ver o meu marido, vou contigo, quando ele esta de acordo”, o homem veio aqui e foi se embora, de certo mão tinha mulher. Mas nenhum caboclo faltou de respeito a minha mulher. Ela era formada médica e lutou muito aqui, preferia o mato à cidade.
Sobre as consultas de doetes.
Agora eu tenho muitas consultas, eles vem de longe, principalmente vem muita gente de passo fundo. Aqui sou o diabo, aqui todos me combatem, é o pessoal de longe que vem aqui. A maioria que vem aqui não vem com doença do corpo, é doença da alma, é 95 %. Até achou graça algumas vezes, porque não é possivel agente chegar muitas vezes a tal ponto. O subconsciente ficou gravado de qualquer coisa que nós fazemos. Veio aqui uma senhora com problema de consciência, digo a elas: “Em Porto alegre tem uns padres jesuítas velhos, a senhora vai falar com um destes, você já confessou comigo, mas eu não posso te absolver, mas já está bom.” Quando uma pessoa fica com problemas de

subconsciente: o estomago, o fígado, tudo faz mal. Agora a senhora esta curada, ele achou sossego, curou-se. Os três femenos são: estomago, Fígado e dor de cabeça, que provoca dores horríveis. Falo também com os maridos, eles vem de longe, mas eu fico uma hora falando com eles. Falo no duro e não poupo ninguém.

Estatística dos casos.

Fiz uma estatística de cem famílias da qui, algumas de longe, outros operários, todos que vieram com doenças viviam com ódio: com irmão, de um terreno, do vizinho. “Quem não perdoa o seu contra, não será perdoado, quem perdoa será perdoado”, aplico as palavras de Jesus. Se não perdoar vai para o inverno. O senhor sabe, que depois muita coisa se muda, muitas famílias estão vivendo melhor agora. Digo: procure um padre, bispo, cardeal.

Caso de isusão para curar bêbados.

Quando vem um bêbado, muitas vezes uso um truque. Digo: “O senhor infelizmente tem tempo curto, começo de câncer, o senhor procura um médico bom”, todos deixaram a bebida. Infelizmente num caso o homem deu risada, mas morreu de canser mesmo, este fato se espalhou. Homens de idade deixaram a bebida. Derrota completa, estou vendo mulheres chorando aqui.

Doutrinação do povo.

Dizem agora: tudo é natureza,não tem inferno, não tem nada. Vieram umas mocinhas do ginásio aqui. Perguntei: o que existiu primeiro a galinha ou o ovo: Deus criou o primeiro homem e a primeira mulher, de nada não vem nada, pode virar como quiser: é como a galinha e o ovo. Os primeiros homens cometeram um pecado, por isso estamos sofrendo agora. O fundamento esta ali. Vem um que me disse: “esta historia do inferno comigo não vai”. Expliquei: o senhor é rico, tem um filho, que tem tudo, supõe, que se deixa levar por amigos maus tentar um assalto, dois são mortos, ele na prisão em Porto Alegre por 26 anos, ele não esta vendo o pai, nem a mãe, não vê mais nada, esta na penitenciária. O inferno é a mesma coisa. Quando morremos e a alma se separa do corpo, vamos ver Deus, Jesus com toda a beleza, de outro lado não tem mais nada, de tudo o que desejamos ver, não existe mais nada: isto é o inferno. O homem graúdo, que falou comigo escutou e abaixou a cabeça, ele entendeu. É de tocar no duro só, sinão entra a igreja brasileira. Conta história que viu na televisão, disputa feia de bispos brasileiros.

Aqui se termina a entrevista com o Sr. Nelson Scholl. Existem 2 fotos. Pedi numa entrevista com o doutor Eder, de Arroio Trinta, médico, que trabalha 40 anos na região, qual a sua opinião sobre o Sr. Scholl. Me disse: tinha um caso em que ele errou. Uma senhora não podia urinar, e isso foi explicado por Scholl como sendo um problema psicológico, deu remédio para acalmar os nervos. A senhora me visitou e contatei, que ela tinha um tumor, que provocou a impossibilidade de urinar.

Num outro caso, eu não podia curar a pessoa, ela foi ver o Scholl e ele curou ela, mas era um caso de para-psicologia.
Segundo o Sr. Scholl digo Eder, o senhor Scholl dá valor demais aos fenômenos da magia negra, de transporte de coisas materiais pelo poder do pensamento. Cfr. Embrulhos no travesseiro, coisa que facilmente se explica de uma maneira naturaal. Entrevista: 1.1.1974. na casa do Pe. Agostinho Rombalui em Arroio Trinta.

.

.

Local: Fraiburgo, Barra.
Data: novembro de 1973.
Duração da gravação: 90 minutos.
Testemunha: Valdir Rodrigues Mafra.
Reporter: Thomas Pieters.

Sobre atuação dos fanáticos em Butiá Verde.
Era no tempo em que os tropeiros desceram por Blumenau e se encontravam com os bugres, que tiravam as argolas e matavam gente. O irmão da minha avó contava isso, ele era tropeiro. No tempo quando começou a guerra do contestado mataram o meu avô e três primos de Jeco Angelino. Era em volta do ano de 1912. antes ele viajava para Blumenau; o meu avô veio da serra baixa, porque tinha problema de asma, o nome dele era Querino Mafra. A minha avô era uma Bugra, os jagunços vieram falar com ela aqui no salto, disseram: “onde esta o teu marido? Onde estão os três primos dele?” ela respondeu que eles saíram. Os jagunços acharam os homens desceram ali no Passo do Meio e mataram todos os homens (Querino mais três primos). Depois vieram jagunços e se encontraram com Chico Macari e Jeco Angelino e formaram dez, onze homens, se não fossem esses homens, nem o exercito teria vencido. O meu sogro contou para min, que os jagunços nas correntes bateram na fazenda de Arudo, que tinha uma propriedade lá, levavam 196 cabeças de gado. Eram duzentos, queimaram a casa, mataram cabritos e porcos, até leitão. Os nossos fizeram depois piquete. Chico Macari, Jeco Angelino, Bastião Peludo, et com mais pessoas do Faxinal formaram dez onze omens. Eu sei isso, porque um era irmão da minha avó e outro era avô da minha mulher. Foram para São Sebastião do sul e tiveram vingança, mataram, mas mataram mesmo, a gente que mataram fizeram parte du grupo de Deodato. O povo ficou tão fanático pela questão de Deodato e das virgens que para dar um exemplo, tinha um tal de Lia, Saiu daqui du Faxinal, deixou até o terreno, deixou uns trinta talheiras, era um fazendeiro, foi para o Rio do Sul. Os jagunços com espada de pau tomavam de surpresa a turma de soldados que vinham e tomavam-lhes as armas, e os matavam.
Sobre Deodato.

Contaram que tinha as virgens, que prediziam o futuro, mas era trucagem. A qualquer suspeita Deodato deu ordem de levar o camerada para “passeiar”. De certo o demonio deu uma força especial a Deodato por isso. Ele matava a própria gente, até criança ele matava. Ele começou em canoas, depois ele veio para Taquaruçu.

Sobre João Maria.

João Maria era um homem humilde, o que deram para ele, ele aceitou. Ele dizia de si: “Eu sou profeta de Deus, quero orientar vocês, que atrás de min vai vir um que tomara meu nome, não vai na prosa, porque vai dar uma revolta”, meus troncos me contavam isso...

...José Maria. Os índios, bugres, não estavam nos redutos, eles atacavam os tropeiros, mas não eram fanáticos. A revolta era do povo daqui.

Exemplo de clara-vidência de João Maria – Profecias.

Esta historia foi contada pela minha bis-avó, ela e uma comadre levavam uma galinha para João Maria. Andando na estrada com a galinha nos braços a mulher parcebeu que a galinha sujo o pano branco e ele disse: “diabo da galinha”. Quando ela quis entregar a galinha a João Maria, ele recusou-se de receber a galinha porque você deu a na estrada para o demônio. Contou o milagre de dois pratos de couve, que dava para comer para dez, doze pessoas, milagre visto por diversas pessoas e contado por eles como verdadeiro. Tinha uma mulher bem de vida Basilia, o João Maria dizia à ela: “você tem duas saídas, lá no mato você vai encontrar uma mulher pobre, dá um das saias para ela”, você será sempre bem vinda depois.

João Maria foi padrinho da bis-avó, ela chamava-se Angelina. João Maria predizia a volta do marido dela para o dia seguinte. João Maria deu para uma mulher pobre uma varinha, quando ela era apurada, ela tinha de dizer: “varinha me ajuda, e bater com a varinha”. Historia de Pedro Malasarte, que acompanhava João Maria numa volta ao mundo. O profeta recompensa mulheres pobres e generosas. João Maria dizia, que a água da barra era benta por ele e que ninguém deveria lavar a cabeça nesta água. Uma mulher lavou a cabeça e secou, tinham de fazer uma processão e uma novena à qual participava todo o povo, até os maiores ladrões do lugar, depois secou a fonte. João Maria indicou o lugar onde tinha fonte de água , descobriu os vertentes. Aqui em Fraiburgo tem uma fonte, perto do lago, até há poucos anos atrás a gente ofereceu flores e velas nesta fonte de João Maria.

Sobre o campo da dúvida.

Antigamente isso era uma fazenda só, foi vendida, era 168 milhões de terra, foi vendida por 20 contos por um tal Bendito de Paula, a viúva, parece de Francisco de Paula. No tempo dos jagunços, parece de Pinheiro Machado, era uma revolta, ela foi descargueira de onças, foi esconder este dinheiro ali no passo novo aqui, para lá do banhado. Filipinho achou umas onças ali dizem que está guardado o dinheiro. Esta fazenda foi vendida por Albano Burg e o Fritz Burg, este vendeu

para os Freis que vieram aqui, era um pinhal. Foi vendido por 100.000 cruzeiros a fazenda, então os dois irmãos dividiram no meio, por lado de lá Butiá Verde e por lado de cá o Campo da Dúvida, os irmãos Burg foram vendendo para o avô da minha mulher, para o meu avô, venderam parte de posse lá, caí entrou os Formigueiri, woncoslau fez o requerimento de posse, era um devoluto ainda, deu depois uma grande complicação: foram legalizado. O meu pai ajudou medir esta fazenda. O meu pai mediu antes dos Freis chegar.

O voador de Fraiburgo.

O meu pai me contou sobre o voador de Fraiburgo, erao pai de Emilio, ele fez um avião de madeira, umas azas de coro, ele dizia à mulher: “Vou fazer uma passeada com o avião.” Subiu numa árvore, atrás do lago, se largou de cima com o avião desceu a colina, caiu no lago e quebrou uma perna. Foi atrás do atual hospital.

Aqui se termina a Gravação.